

LITERATURA E ESCOLA:
EXPERIÊNCIA DE LEITURA COM ALUNOS DA 8ª SÉRIE

Cristiane do Socorro Gonçalves Farias (UFPA)

kissfarias@hotmail.com

Josebel Akel Fares

RESUMO

Este trabalho de pesquisa orientou-se no projeto *Recepção das Poéticas Amazônicas, do Núcleo de Pesquisa Culturais e Memórias Amazônicas (CUMA/UEPA)*, em que propõe a inserção mais atuante da literatura da Amazônia em escolas públicas, e se justifica devido a preocupante ausência de trabalhos que envolvam leitura de autores amazônicos nesses locais de ensino e fortalecer ainda mais um ensino de literatura, que interaja mais com os alunos, que os mesmos se encontrem no processo. A partir desse projeto, os alunos têm a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre o que escrevem os autores amazônicos e se deparam com suas próprias memórias emergindo ao longo da leitura. Essa experiência de teve como suporte os pressupostos da *Estética da Recepção* por meio de Jauss e Zilberman realizado na Escola Estadual Prado Lopes no primeiro bimestre do ano letivo de 2014, em turma final do ensino fundamental. Dalcídio Jurandir foi o escritor paraense escolhido, do qual analisamos o texto “Escola” retirado da obra *Chão de Lobos*.

Palavras-chave: Literatura amazônica. Estética da recepção. Escola.

1. Considerações iniciais

Ao pensar este trabalho, que tem como norte a recepção da literatura da Amazônia em alunos da escola pública, muitas certezas e incertezas surgiram, parece clichê ou uma simples antítese, mas se pararmos para pensar, não é fácil falar de literatura, quiçá amazônica, principalmente em escolas públicas. Ao nos reportarmos para a arte literária como um todo, nossos conhecimentos tornam-se minúsculas partículas que tentamos juntar para tornar algo mais palpável, ou seja, tentar conceituá-la não é tarefa fácil. Historicamente é levantado atritos em relação de como podemos definir, caracterizar, estudar e delimitá-la, dentro do possível. E o que falar quando o objeto de estudo é a obra literária e suas diversas formas de recepção? Ao longo do tempo muitas definições vão sendo colocadas, substituídas, excluídas, repensadas, de acordo com seu público, suas políticas e ideais. Essas definições se reformulam a partir de novas propostas estudadas num dado momento histórico.

Segundo Eagleton (2006, p. 2)

muitas têm sido as tentativas de se definir literatura. É possível, por exemplo, defini-la como escrita ‘imaginativa’, no sentido da ficção-escrita essa que não é literalmente verdadeira. Mas se refletirmos (...) veremos que tal definição não procede.

Nessa perspectiva, o autor coloca as inúmeras diferenças entre obras inglesas do séc. XVII, consideradas literárias e não literárias, que vão desde Shakespeare, Webster, Marvell, aos ensaios de Bacon, os sermões de John Donne aos escritos de Sir Thomas Browne, e nos instiga a pensar o que de fato faz que uma determinada obra seja literária, o que deve ser levado em consideração para chegar a uma definição de literatura.

Muitas são as acepções que tentam definir o termo literatura, dentre elas para a acepção formalista, literatura é um meio não pragmático de dizer, de escrever o cotidiano, o comum. Grosso modo a literatura para essa vertente, vem a ser todo material impresso, podendo também ser manuscrito o qual é guardado em uma biblioteca. Esta noção desse termo está relacionada a noção clássica de “belas-letras” ou “*belles lettres*”, ou seja, em modo geral as pessoas, aqui, consideram literatura a escrita que lhes parece bonita. Em contraponto a este pensamento, Compagnon (2010, p. 19) diz que “a teoria da literatura não é a polícia das letras, mas de certa forma sua epistemologia”.

Sabemos que não se trata somente do “escrever bonito”, é também o escrever bonito com essência, com algo que se torne sólido mesmo na sua liquidez subjetiva. É tocar o outro que lê, é manifestação de sentimentos a partir da sua vivência de leitura, do contato com a obra, nesse sentido Eagleton (2006, p. 11) diz “que se tal definição tivesse validade geral, não haveria a má literatura”. Numa visão micro estrutural, a literatura é o ponto de partida que traça dicotomias divergentes: o que é literatura e o que não é literatura.

O que é considerado literatura em determinado momento histórico, pode vir a ser questionado em outro, ao pensarmos assim, estamos colocando valores, e segundo Eagleton (2006, p. 12) o valor que propomos a algo é transitivo e depende das pessoas que julgam os valores. Por exemplo, os textos de Perrault hoje não são iguais e não tem o mesmo valor dos textos de Perrault do seu tempo. Uma obra nunca será a mesma a partir do momento em que é colocada em contato com uma determinada sociedade em um determinado tempo, até mesmo inconscientemente, essa sociedade faz uma releitura, ou seja, dificilmente o valor que foi determinado para uma obra hoje, vai ser o mesmo amanhã.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

Como nada é estático no tempo, pensemos a literatura brasileira, que é recente em relação às outras, suas manifestações, seus precursores. A literatura no Brasil foi ratificada, e continua a ser, a partir de muitas pesquisas, trabalhos árduos, que pudesse discorrer sobre a literatura brasileira, com mais autoridade, no que se descobriu, e no que está a vir a ser descoberto ao longo da história do país. Começamos, então, lá no início do século XVI, com a famosa história da “descoberta” e colonização de um novo país. Com o advento da chegada dos portugueses, muitas outras particularidades europeias foram impostas ao local, comida, cultura, danças, credences que foram mescladas, mas sempre sobressaindo à cultura alheia. A partir de então surgem os primeiros escritos. A carta de Caminha, descrevendo a exuberante natureza e tudo que seus olhos pudessem alcançar, mais tarde os jesuítas da Companhia de Jesus, responsáveis pela educação e a religião, deixaram obras líricas, teatrais. Com o passar dos tempos e mudanças de ideologias, as pessoas começaram a se questionar sobre a literatura de cunho nacional, a partir de então muitos estudiosos começaram a se movimentar em prol de uma literatura que ratificasse a identidade literária do Brasil. Lembremos que isso foi um trabalho muito demorado.

A literatura nacional começa a tomar autonomia em um período de transição do século XIII para o XIX, sem dissociar, é claro, da histórica “Independência e movimentos intelectuais que a cada dia aumentavam”, surgindo então o romantismo em 1836. A partir de então a literatura se adapta ao meio, e é oficializado com *Suspiros Poéticos e Saudades*, de Domingos José Gonçalves de Magalhães (1811-1882). Dentre todas as figuras que se projetaram no Romantismo, dois se destacaram como figuras máximas: José de Alencar (1829-1877) e Gonçalves Dias (1823-1864), sendo este considerado o patriarca da literatura brasileira.

Passamos por muitas mudanças filosóficas, políticas e sociais e junto com elas surgem o Realismo-Naturalismo, Parnasianismo, Simbolismo, Impressionismo, até chegar ao Modernismo com a Semana da Arte Moderna de 1922 em São Paulo. Se o Romantismo foi o momento da autonomia literária, o Modernismo foi a maioridade, destruiu o obsoleto e colocou novas ordens, “o Modernismo no Brasil inovou os temas e a linguagem das obras ao mesmo tempo em que afirmou nossa identidade (...) denunciou nossas mazelas de modo contundente”. (ABAURRE, 2008, p. 01)

No decorrer do tempo e das experiências vividas desde a colonização, a literatura brasileira vem se tornando valorizada, respeitada e reconhecida, conforme afirma Coutinho (2004):

A literatura brasileira demonstra uma grande vitalidade, expressa numa larga visão do mundo brasileiro, capacidade técnica de suas figuras de destaque, um público compreensivo e ávido de suas realizações, uma autonomia de criação, uma força de expressão e apreensão da realidade, que a fazem uma das mais representativas da América. (COUTINHO, 2004, p. 143)

2. *Leitura e leitor: caminhos inter cruzados*

O livro traz a vantagem de a gente poder estar só e ao mesmo tempo acompanhado. (QUINTANA)

[...] a diferença entre um livro e um amigo não é sua maior ou menor sabedoria, mas a maneira pela qual a gente se comunica com eles; a leitura, ao contrário da conversação, consistindo para cada um de nós em receber a comunicação de um outro pensamento, mas permanecendo sozinho, isto é, continuando a desfrutar do poder intelectual que se tem na solidão e que a conversação dissipa imediatamente, continuando a poder ser inspirado, a permanecer em pleno trabalho fecundo do espírito sobre si mesmo. (PROUST)

Sabemos da importância cultural que a escrita trás na sua história, no entanto o ser humano precisa de muita perspicácia para fazer uma boa leitura, e conseqüentemente o entendimento sobre a mesma. A leitura para nós torna-se um desafio a cada dia que passa, pois precisamos ter claros quais seus objetivos, suas funções, em quais contextos estão inseridas, principalmente quando sobrepomos a ela como um meio indispensável de aprendizado.

Ao decorrer da história a leitura deixou de ser um mero “passar de tempo” e de que leitura era decodificar a intenção do que o autor quis, e ao longo do processo foram surgindo outros fatores imbricados nesse, como a obra, o autor, e o leitor, alguns perderam sua majestade, outros, entretanto, tornaram-se mais importantes, cada qual com suas especificidades. Para tornar-se autêntica, versátil, frutífera e interativa dependendo sempre do objetivo da leitura, “a leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto; neste processo tenta-se satisfazer [obter uma informação pertinente para] o objetivo que guiar sua leitura”. (SOLÉ, 1987, p. 22)

É pertinente salientar que a compreensão de determinada leitura exige do leitor um conhecimento prévio, um conhecimento de mundo que lhe ajudará no processo de entendimento da leitura, se esta fizer parte de suas vivências, não podemos simplesmente dizer que tudo é muito simples, como nos instiga Eco (2012, p. 84). “Destarte, todo ato de leitura é uma transação difícil entre a competência do leitor (o conhecimento do mundo compartilhado pelo leitor) e o tipo de competência que um dado texto postula para ser lido de maneira econômica”.

Em se tratando de leitura, no âmbito escolar, há tempos o tripé, aluno-escola-leitura, vem sendo observado e discutido pelos autores, pesquisadores, educadores, engajados com a educação que não seja mecanicista, eles instigam a discussão do uso da leitura para com o sujeito, o qual leva uma bagagem de informações consigo inserido no ambiente escolar, para que se tornem efetivamente leituras críticas a partir da sua vivência.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. Ao ensaiar escrever sobre a importância do ato de ler, eu me senti levado – e até gostosamente – a “reler” momentos fundamentais de minha prática, guardados na memória, desde as experiências mais remotas de minha infância, de minha adolescência, de minha mocidade, em que a compreensão crítica da importância do ato de ler se veio em mim constituindo. (FREIRE, 1982, p. 10)

É necessário que, em pleno séc. XXI, pensemos em metas consistentes para uma educação na qual possamos desenvolver habilidades, competências e o gosto pela leitura, com vista a tornar cidadãos mais sensíveis à vida, aos problemas sociais, ao poético e, então, perceber a leitura como uma das formas de conhecimento do mundo, e eficaz instrumento para sua vida pessoal e profissional. A leitura transporta o leitor a qualquer lugar onde sua imaginação permitir, sem mesmo sair dele, conhece novos mundos, culturas, enfim.

O mesmo sucede com o texto: ele produz em mim o melhor prazer se consegue fazer-se ouvir indiretamente; se, lendo-o, sou arrastado a levantar muitas vezes a cabeça, a ouvir outra coisa. Não sou necessariamente cativado pelo texto de prazer; pode ser um ato ligeiro, complexo, tênue, quase aturdido: movimento brusco da cabeça, como o de um pás-

saro que não ouve nada daquilo que nós escutamos, que escuta aquilo que nós não ouvimos. (BARTHES, 1987, p. 35)

No ambiente escolar, necessitamos cada vez mais abandonarmos nossos resquícios mecanicistas, desvendarmos nossos olhos e enfrentarmos de vez nossas falhas, para que possamos ajudar nossos alunos, leitores em potencial, a descobrir a fantástica viagem da leitura, essa leitura que, segundo Barthes, produz em nós o melhor prazer e nos torna livres para ouvirmos coisas diferentes da questão sendo ditas a todo o momento.

Assim como a leitura, o reconhecimento da importância do leitor há muito tempo é alvo de discussão. Temporalmente dentro da história da literatura deu-se destaque, ao enredo e ao autor da obra, colocando-os em uma espécie de pedestal, intocável, ao leitor cabia somente ler a obra e entender nela a intenção do autor, ou, até mesmo, somente não podia sair do viés que a obra impunha, ao destinatário cabia entender o código repassado pelo emissor. Como se observa em Compagnon (2010),

O filósofo I. A. Richards (...) afirmou os princípios de uma leitura rigorosa que corrigiria os erros habituais. A poesia pode ser desconcertante, difícil, obscura, ambígua, mas o problema principal está com o leitor, a quem é preciso ensinar a ler mais cuidadosamente, a superar suas limitações individuais e culturais, a respeitar a liberdade e autonomia do poema. (COMPAGNON, 2010, p. 140).

Entretanto, ao longo da história e de muitos discursos, o leitor começa a ganhar atenção nas obras. Ao colocar o autor como ponto importante de um sistema que nasce de hipóteses interpretativas, é coerente percebermos que para que haja uma leitura lógica de interpretação com a participação ativa do leitor, pensa-se na necessidade de fugir da leitura da intenção autoral e de quais as estratégias textuais usadas para cada tipo de leitor. Desse modo, Eco (2012, p. 45) diz que “o leitor-modelo constitui um conjunto de condições de êxito, textualmente estabelecidas que devam ser satisfeitas para que um texto seja plenamente atualizado no seu conteúdo potencial”.

Nesse sentido, o leitor é visto como um elo importante do processo literário como uma forma de suprir certa incompletude na obra como nos mostra Ingarden (2010):

O sentido deve ser o produto de uma interação entre os sinais textuais e os atos de compreensão do leitor. E o leitor não pode desprender-se dessa interação; ao contrário, a atividade estimulada nele o ligará necessariamente ao texto e o induzirá a criar as condições necessárias à eficácia desse texto. Como o

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOGIA

texto e o leitor se fundem assim numa única situação, a divisão entre sujeito e objeto não funciona mais; segue-se que o sentido não é mais um objeto a ser definido, mas um efeito a ser experimentado. (INGARDEN, *apud* COM-PAGNON, 2010, p. 147):

O texto agora passa a contribuir com o leitor, para que esse não fique apenas como leitor bancário⁵², que simplesmente aceite o colocado pelo autor, e sim passe a interagir com ele de maneira que construa e desconstrua novos significados. A partir da década de 60, século XX, destacam-se dois tipos de leitores; o implícito e o explícito, aquele condicionado à obra, e este ao ato da recepção por parte do leitor, sem desmerecer um ou outro. Jauss (2012) afirma que:

a) Separá-los para maior eficiência metodológica: “contrastar o papel do leitor explícito e o do leitor implícito – em outras palavras, o código de um leitor historicamente determinado e o de seu papel literário predeterminado – é um pré-requisito indispensável para uma análise hermenêutica da experiência da leitura”, b) Dar preferência à reconstituição do leitor implícito: “Tão logo reconstruímos o papel do leitor implícito num texto, podemos, com muito mais segurança, definir as estruturas de pré-compreensão e, com isso, também as projeções ideológicas de determinadas camadas de leitores enquanto um segundo código distinto do primeiro”. (JAUSS, *apud* ZILBERMAN, 2012, p. 66)

Portanto, a partir das concepções acima colocadas para o leitor, observa-se uma soma na literatura, no que diz respeito às recepções que uma obra deve instigar condicionada ao leitor, para que esse consiga se utilizar de estratégias, o que Eco vai chamar de *conjunto de condições de êxito* e consiga fazer que um determinado texto seja, com toda a sua potencialidade, ser atualizado em qualquer tempo em qualquer contexto pelo leitor.

3. O autor: Dalcídio Jurandir

Menino, o rio marcou sua vida. Vida de paisagens, bichos e homens. Vida de uma sociedade primitiva. Uma religiosidade de ladainhas, procissões e velórios, tudo muito à moda antiga. Tudo começa em 10/01/1909, quando nasce Dalcídio Jurandir Ramos Pereira, na Vila de Ponta de Pedras, hoje já denominada cidade de Ponta de Pedras, um ano mais tarde, ainda bebê junto com seus pais o Sr. Alfredo do Nascimento Pereira e a Sra. Margarida Ramos vão morar na vila de Cachoeira do Arari,

⁵² Expressão colocada por Paulo Freire quando nos explica da educação que é somente depositada no aluno, não há interação.

hoje também cidade. Nos dez romances do escritor, ficaram registradas memórias de uma infância vivida e trazidas à tona nas personagens do ciclo romanesco. Os prazeres e os desprazeres de se viver em um lugar longínquo, pobre, visto como exótico, são alguns recortes para se reconhecer nas tramas a vida e a voz ao seu passado, que, ao levar para uma experiência de leitura no *lócus* marajoara, os leitores reconhecem as suas próprias realidades, descritas no processo de recepção a partir de um olhar que traz experiência de hoje.

O menino Dalcídio conviveu com a matintaperera, com o boto, com a seca e com enchente, com caboclos marajoaras e com as dificuldades, como qualquer outra pessoa, e que podemos perceber no trabalho da professora Josebel Fares (2013, p. 13), que consegue entrevistar pessoas que conheceram, ou que conviveram com a família do escritor e contam um pouco sua vida. Como dona D. Raimunda, filha de Lindolfo Paiva, ajudante no jornal em que Dalcídio trabalhava como tipógrafo:

A mãe dele morou ali, muitos anos. Meu pai que lidava com ela. Quando ela bebia, meu pai que levava ela carregada, era meu pai que levava ela carregada. Mas não era todo dia também, que ela bebia, ela tinha os dias de beber. O capitão Alfredo, pai dele, o marido, ficava zangado com ela, mas não era de tá brigando, ele se aborrecia, chamava atenção, mas eles eram muito unidos, muito unidos: Capitão Alfredo e ela era Dona Margarida Ramos.

Podemos perceber nos relato de D. Raimunda, que muitas personagens criadas pelo escritor possivelmente foram inspiradas na vida real, em problemas e fatos reais, assim como ele próprio passou por muitos percalços na vida, devido a sua luta pela igualdade de direitos e justiça social, foi preso várias vezes, sofreu humilhações e passou até fome.

10- Qual é a história do personagem e o que aconteceu com ele?
A história é de um menino rubicundo que mora no Pará. Bia terminou os estudos e se tornou um grande homem, acho que Bia era Dalcídio Jurema-ndir.

13) O que acharam do texto? Por quê?
O texto é bem interessante, porque o autor conta como é a realidade de quem vive no interior da ilha de Marajó.

Trecho retirado da parte escrita do trabalho

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

Em relação às personagens que poderiam ser inspiradas em pessoas reais, podemos perceber que o próprio leitor tem essa impressão, foi o que aconteceu com uma aluna da 8ª série da tarde, como podemos observar no trecho acima.

Por essa realidade contada pelo autor e por outras características marcantes, recebeu vários prêmios, seu livro *Linha do Parque* foi publicado em alguns países fora do Brasil. Em 1972, a Academia Brasileira de Letras concede ao autor o Prêmio Machado de Assis, entregue por Jorge Amado, pelo conjunto de sua obra. Em 16 de junho de 1979, o Brasil, a Amazônia, o Pará perde um dos seus grandes mestres na arte de escrever.

Com o passar do tempo, vários estudiosos começam cada vez mais a desenvolverem estudos em formas de artigos, teses, dissertações e ensaios a respeito do autor e suas obras, um movimento acadêmico forte ratifica cada vez mais o nome do romancista no cenário da literatura amazônica, como nos apresenta Fares (20013, p. 3):

Desde a segunda metade dos anos 90 do século XX, especialmente no Pará, há um movimento acadêmico em torno da leitura da obra de Dalcídio Jurandir. Escrevem-se teses, dissertações, monografias, artigos, ensaios. Cito os estudos de Zélia Amador de Deus, Paulo Nunes, Marli Furtado, Ernani Chaves, Gunther Pressler, Arthur Bogéa, Sílvio Holanda, Rosa Assis. Menciono ainda os trabalhos pioneiros das professoras Enilda Newman Alves, defendido na PUC/RJ, Olinda Batista Assmar (UFAC), defendido na UFRJ, da década de 1980, e de alguns importantes críticos, entre os quais destaco Benedito Nunes, Pedro Maligo, Wille Bolle e Audemaro Taranto Goulart.

A partir dos estudos e pesquisas, aos poucos, a obra vai sendo merecendo o devido reconhecimento. Em 2001, concorreu com outras personalidades ao título de "Paraense do Século". No mesmo ano, em novembro, foi realizado o Colóquio Dalcídio Jurandir, homenagem aos 60 anos da primeira publicação de *Chove nos Campos de Cachoeira*. O Governo do Estado do Pará homenageia o escritor instituindo o Prêmio de Literatura Dalcídio Jurandir em 2008. Em 2009, comemorou-se o centenário do escritor. Dalcídio Jurandir Ramos Pereira, em suas obras, mostrou ao mundo um cenário rústico e verdadeiro, cheio de belezas a descobrir, rememorava sua infância vivida em Cachoeira do Arari, as pessoas e o cotidiano simples que elas tinham ali, na ilha do Marajó, dessa forma, o leitor tem a oportunidade de entender um pouco mais a vida Amazônica a partir de seus romances do Ciclo do Extremo Norte, como

ele mesmo denominou: Chove nos Campos de Cachoeira (1941), Marajó (1947), Três Casas e um Rio (1958), Linha do Parque (1959), Belém do Grão-Pará (1960), Passagem dos Inocentes (1963), Primeira Manhã (1967), Ponte do Galo (1971), Os Habitantes (1975), Chão dos Lobos (1976), Ribanceira (1978).

Além do lado romancista, Dalcídio também foi poeta. O Prof. Paulo Nunes selecionou e organizou um livro de poemas intitulado “Poemas Impetuosos ou O tempo é o do sempre escoá”, que apresenta poemas de várias fases do autor. Dalcídio Jurandir, como o próprio poeta coloca, pode ser a culminância de um “equivoco” como podemos perceber nos escritos de Canção do reino amor.

Minha poesia

Vieste tão cedo me atormentar!
Vieste tão cedo me acariciar...
Ô fiandeira das madrugadas
Que vens cobrir meus destinos
Com o véu solar da lua ausente!

Em todos os sentidos, Dalcídio nos deixa um grande legado literário, a partir de seus romances e poemas, e constitui uma história social da Amazônia, contada a partir de suas experiências de homem amazônida e de seus ideais de liberdade.

4. A obra

A escola⁵³

– Biá, tu te lembrás daquela tua escola? A professora: meninos o Brasil é muito, muito, muito rico. Tem riquezas colossais. E tu: professora, o que é colossais? A mestra: Mas, menino! E o nosso ouro e o nosso café e o nosso Conselheiro Ruy Barbosa? Escreva no quadro.

– Mas, professora, e o giz?

– Então no caderno: o Brasil...

– Nem um tico de papel que dirá caderno, professora.

– Tome papel, escreva a lápis.

– Lápis?

⁵³ In: Chão de Lobos. Rio de Janeiro, Record, 1976. Texto retirado do livro *Texto e Pretexto: experiência de educação contextualizada a partir da literatura feita por autores amazônicos*, de Fares et alii. vol. I, CEJUP, 1992.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

Que é que tinha naquela escola? O inspetor chegava. A professora com aquela cara de quem sempre jejuava, vexada, gaguejando:

- Inspetor, nem unzinho material escolar? Estou sem um toco de giz.
- Providenciaremos, providenciaremos. Já decoraram o Hino?

E a mestra voltava a ensinar que o Brasil. Vamos decorar o Hino, criança. Os meninos cabeceavam sequinhos, ou roíam seu torrão de terra, a ponta da caneta, muitos vindo de longe, remando, do de comer só o ar do rio, só, sem um torrão de açúcar, um xibé. As letras viravam aquela rosca no balcão, o pão na canoa ligeira, a farinha pesando na balança do Delfim, cuspiam. Não cusпам no chão, mal-educados! Cantem. Nossa terra tem mais flores. A professora: Vamos meninos. Biá voltava, remando, apanhava pelo rio algum tape-rebá que ia roendo, roendo até chegar no jirau da barraca onde o periquito lhe beliscava o dedo. Em casa o pau de lenha à espera do aracu que o pai há de trazer – peixe anda arisco, arisco. Veio a mãe, amarela, seco e solto o cabelo, um trapo em cima da pele, verme até os olhos.

- Mamãe, por que diz que o Brasil é tão rico e a gente...

O texto Escola, aqui trabalhado, é um excerto do romance *Chão de Lobos*, que faz parte do Ciclo do Extremo Norte, retirado da obra *Texto e Pretexto: Experiência de Educação Contextualizada a Partir da Literatura Feita por Autores Amazônicos*, de Fares et al. (1992). A narrativa apresenta o contraste entre as riquezas da Amazônia e a pobreza de seus habitantes e discute as condições de uma escola no interior da região, que nada se tem de material de didático e condições de trabalho. “A Amazônia que surge em seus livros não é a terra farta, de paisagem e habitantes exóticos ou, ainda, o lugar de onde saem crenças maravilhosas ou mitos e lendas fantásticas, mas trata de um *locus* em que convivem sonho e miséria”. (VELOSO, 2007, p. 17)

A personagem Biá, representa a dura realidade das crianças ribeirinhas, que não entendem a fala da professora em insistir no discurso de que o Brasil é um país rico cheio de “riquezas colossais”. Mostra a preocupação da escola em colocar em prática ações pedagógicas, sem levar em consideração a realidade dos alunos. Biá imagina as letras virarem alimento, pois não aguenta mais de tanta fome, a narração é cheia imagens e linguagem típicas do lugar, como o casco, o ato de pegar alguma fruta que vem com a maré, o jirau, o fogo à lenha, o animal de estimação. A família representada pela sabedoria do pai que ao sair para a natureza em busca do peixe, vê que não está no tempo dele, e a figura tão marcante da mulher, sua mãe, representando muitas outras famílias que viveram, e vivem aquela miséria. O texto a Escola faz refletirmos, nos traz a todo o momento novas sensações, prazer, de acordo com Barthes (1987, p.

21), que ao falar de leitura diz que o “Texto de prazer: aquele que contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável da leitura”.

O texto, com uma linguagem simples e direta, denuncia a realidade de milhares de pessoas que ainda vivem no esquecimento do poder público, que simplesmente usam os olhos e ouvidos do inspetor. O que torna a obra contemporânea e atual, Dessa forma, apesar da obra ter sido escrita em tempo distante do das crianças que participaram da experiência. Jauss (*apud* ZILBERMAN, 2004, p. 37) afirma que “Uma obra não perde seu poder de ação ao transpor o período em que apareceu; muitas vezes, sua importância cresce ou diminui no tempo, determinando a revisão das épocas passadas em relação à percepção suscitada por ela o presente”.

A obra de Dalcídio Jurandir constitui-se em um verdadeiro olhar atento à vida amazônica ao descrevê-la e inter cruzar as histórias contadas com suas próprias experiências vividas naquele lugar. Dessa forma, sua literatura constitui-se em diversas temáticas, ultrapassa os limites do regionalismo, abordadas de maneira sutil como a proximidade com o rio, os caboclos, as tradições e o sofrimento do homem da Amazônia. Os textos de Dalcídio junto com a ajuda do leitor sempre são atualizados no instante da leitura, seu texto instiga, inquieta o outro, “*o texto é um produto cujo destino interpretativo deve fazer parte do próprio mecanismo gerativo*. Gerar um texto significa executar uma estratégia de que fazem parte as previsões e os movimentos dos outros”. (ECO, 2012, p. 39)

5. *Lócus da pesquisa*

A presente experiência foi colocada em prática e uma Escola Estadual da cidade de Curralinho, no Marajó (Pará). A escola estadual de ensino fundamental e médio foi criada no ano de 1935, de 26 de fevereiro de 1935, assinado pelo Governador do Pará José C. da Gama Malcher, para funcionar o curso primário integral (de 1ª a 5ª série). E a partir de 08 de março de 2005 é autorizada a Implantação do Ensino Médio regular. Hoje, ano letivo de 2014, é a escola estadual de ensino fundamental e médio “Prado Lopes”.

Considerada escola de grande porte, com 1.669 alunos regularmente matriculados distribuídos em três turnos: Manhã, tarde e noite nas seguintes modalidades de ensino: educação especial; ensino fundamental

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

regular do 1º ao 9º ano/séries, ensino fundamental supletivo de 3ª a 4ª etapa e ensino médio regular de 1ª a 3ª série e ensino médio modular através do grupo especial de ensino médio (GEEM), funcionando nas localidades Vila Calheira, Vila Jerusalém, Central do Aramaquiri e Vila Recreio do Piriá 1ª, 2ª e 3ª séries. Com seu corpo docente composto por 43 professores, corpo administrativos, um diretor uma vice-diretora, uma secretaria 06 agentes administrativos e 05 técnico em gestão escolar. Corpo de apoio operacional está composto por 15 servidores.

A escola está situada na Av. Jarbas Passarinho na cidade de Curralinho, às margens do Rio Pará.

6. *Os sujeitos da pesquisa*

“O homem esta no mundo e com o mundo. Se apenas tivesse no mundo não haveria transcendência nem se objetivaria a si mesmo. Mas como pode objetivar-se, pode também distinguir entre um eu e um não eu”. (Paulo Freire)

O ser humano, desde o momento em que é concebido, passa por processos naturais, e vai amadurecendo de acordo com suas mais diversas etapas, processos. Os sujeitos, de acordo com essas etapas, se adaptam ao que lhe é pedido. Em relação à vida escolar, o aluno deve ir se familiarizando a várias situações em que é inserido, e a leitura é uma delas. A leitura é muito importante para compreensão de mundo, prazer e fruição, para isso muitos métodos são discutidos. No que se refere à educação, pensa-se no material a ser selecionado, o papel da escola, do professor, como peças fundamentais para que esse indivíduo se torne construtor de conhecimentos.

Pensando nisso, selecionamos alunos das duas 8ª séries do ensino fundamental com a faixa etária entre 14 e 17 anos, por, possivelmente, já terem uma maturidade suficiente para fazerem leituras e se posicionarem criticamente diante delas. Sabemos que nessa idade os alunos estão em fase mais porosa para descobertas de mundo, do corpo, de informações novas. A concorrência com os fatores externos à escola são muitos e por isso tentamos fazer com que esse aluno se torne atraído pela escola, que tenha vontade de estar em sala de aula e, principalmente, se colocar como participante do processo de ensino aprendizagem e não como mero receptor de informações. Para que esse processo aconteça é necessário ha-

ver entre os próprios alunos e professores uma interação social e intelectual em relação aos níveis de entendimento.

Neste ano de 2014, a escola ofereceu duas turmas de oitava, uma pela manhã e outra a tarde, somando um total de 40 alunos participantes. No resultado de um questionário, para perceber qual a situação socioeconômica dos alunos, surgiram às seguintes situações.

1. Escolaridade dos pais: há alguns analfabetos, mas a maioria tem até a oitava série e alguns pais com o nível de graduação.
2. Renda familiar: dependendo do nível de escolaridade, os valores variam entre R\$ 500,00 e R\$ 6.000,00.
3. Formas de entretenimento: 10% assistem TV, 1% faz leitura, 30% conversam com amigos, 31% ouvem música e 20% saem para se distrair.
4. Leitura. O gosto: as respostas discrepam em relação ao item anterior. 10% responderam não gostarem de ler e 90% gosta. A justificativa para o ato de não gostar de ler: falta de hábito/por que não /preguiça /lê só o que gosta /falta de tempo. Finalidade da leitura: aprender /ajudar na aprendizagem /passar o tempo. O que costuma ler: livros:05, revistas: 06 bulas: 04 manuais: 01 jornal: 07. Outras finalidades do livro: 35% não têm e 65% disseram que sim, como enfeite /Abanador /assento /outra. Ao serem perguntados se lembravam de algum livro que o tinham impressionado ao ler: 37% responderam que não e 63% que sim. O que eles tinham de diferente que chamou sua atenção, surgiu o seguinte: Figuras /Aventura /Romance /Gibi /História de vida /História /Piadas. Um fator importante e inquietante foi quando eles foram questionados sobre o conhecimento de algum autor paraense e as respostas foram unânimes, até aquele instante nunca tinha lido ou ouvido falar sobre nenhum, só autores de “fora”.

No decorrer do trabalho notou-se que a maioria dos alunos morou no interior da cidade, ou, se não tinham morado, já passaram uma temporada, em férias, passeios, fato que de alguma forma os deixaram bastantes confiantes com certa consciência em suas colocações em relação ao texto. Em contraponto, o que nos preocupou foi a falta de consciência e maturidade em relação à construção do seu próprio crescimento no processo educacional, no qual muitos ainda não percebem a necessidade de tomar para si o gosto pela leitura.

7. *Análise do trabalho*

A partir desse momento, tentaremos fazer uma análise mais minuciosa da recepção literária do texto dalcidiano a partir das gravações feitas em sala de aula com os alunos das 8ª séries. O intuito aqui é indicar detalhadamente os aspectos relevantes mais frequentes em suas falas.

Impressões iniciais sobre o autor: em relação ao conhecimento do autor, nenhum aluno, sem exceção, conhecia o autor ou muito menos outro autor paraense. Quase em coro responderam que não. Ao serem perguntados sobre o que sentiram ao saber que Dalcídio era marajoara surgiram as seguintes:

AM1⁵⁴: *Gostei*

AM2: *senti orgulho. Senti orgulho em saber que existe alguém do Marajó falando sobre a nossa terra!*

AT1... *Eu fiquei assustada, porque eu ainda nem tinha lido nenhum autor paraense*

AT2: *só autor de São Paulo...*

Em relação às perguntas das impressões iniciais sobre a obra, podemos perceber como os alunos observaram que se tratava de uma realidade parecida com a deles, dentre os alunos somente um sentiu dificuldade na leitura, disse que as palavras eram difíceis, ao serem perguntados o que acharam do texto:

AM1: *eu achei bem interessante.*

AT1: *fala do rio, da escola...*

AM2: *eu achei meio complicado*

AT2: *gostei. Porque é tudo realista né... Fala da vida da gente no Marajó.*

Quando começamos a falar sobre as personagens, que aparecem no texto, a maioria participou, falou dos nomes que puderam identificar, relataram suas características e colocando-os adjetivos que puderam, aos olhos deles, justificar algumas personagens; nesse momento percebe-se um conceito crítico a cerca da personalidade dessas:

⁵⁴ AM1 /AT1: Aluno manhã /Aluno tarde

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Biá, o inspetor... (quase todos em gritos)

AT1: a mulher, o aluno...

AM1: era muito magra...

AM2: era velha

AM3: uma mulher que trabalha muito

AM4: ela tinha verme... Porque ela não come, tava doente

*AT1: cabelo **black power**...(gargalhadas)*

AT3: parece um esqueleto

AT4: não, porque ela passava fome.

Ao situarmos o local da narrativa, foi interessante a participação sem dificuldade, os alunos não apresentaram dificuldades em reconhecer os espaços onde acontece a narrativa, pois a maioria deles estão acostumados com as imagens que o texto trás, ou faz com que o leitor tenha do espaço onde acontece a história, quando perguntamos em que local se passava a história podemos observar:

AM1: no rio

AM2: não, no interior... Porque ele fala do rio, do casco,

AT1: ele fala do remo, que ele pegava taperebá... Das florestas...

Ao comentarmos sobre a escola e a professora, se consideravam algo parecido com a realidade escolar deles, primeiramente não acharam nada de igual, mas logo depois opinavam de acordo com que ouviam dos outros colegas, reconheceram detalhes da sua escola na escola de Biá, no entanto trouxeram relatos de outras experiências:

AM1: não

AM2: é professora, não tem material

Am3: não, não é não.

AM4: é sim professora... é mais ou menos

AT1: é diferente.

AT2: é acabada, porque parece que ela é acabada igual essa daqui

AT3: e a professora era muito enjoada.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

AT4: *esse inspetor tinha na minha outra escola, era muito chato.*

Com o mesmo intuito fazer com eles falassem mais de suas realidades surgiu a pergunta de como a personagem Biá chegava à escola, de que maneira ele se locomovia. Na turma da manhã, um dos alunos fazia quase o mesmo trajeto de Biá, saía de sua casa muito cedo para chegar ali na escola, só que como ele mesmo relatou já é de transporte escolar mais adequado, mesmo assim ele deixa claro que ainda existe muita dificuldade, e na turma da tarde, uma aluna relata sobre sua experiência já vivida, quando morava no interior e traz lembranças de coisas que seus parentes, avó, pai e mãe contavam à ela:

AM1: *de remo*

AM2: *: mas ainda é muito difícil, ter que sair cedo de casa, pegar chuva... eu venho do interior pra cá*

AM2: *o texto diz que ele remava horas e horas...*

AT1: *agora, hoje em dia já tem transporte escolar*

AT2: *a J... Vem de casco*

AT1: *eu não, eu venho de rabudo*⁵⁵

AT3: *não, mas ainda até hoje ainda tem gente, eu moro lá na ponte né, do Samanajós*⁵⁶, *e ainda vem gente lá da costa do Samanajós a remo para estudar...eu já fui de casco para a escola. Mas não sofria tanto que já tinha as coisas, a minha casa não era muito longe da escola, às vezes a gente ia remando, às vezes o papai levava a gente, quando a gente saía... A gente ainda ia pra árvore de taperebá... procurar taperebá diz que, a gente ia era...procurar maracujá...aquele maracujá do mato, miriti...*

AT4: *miriti podre (risadas)*

AT3: *Não, miriti podre não.* No aspecto da locomoção, a participação maior foi dos alunos da tarde.

Sobre o entendimento do conteúdo do texto, vimos facilidade para a maioria dos alunos e também houve uma maior participação, pois de

⁵⁵ Transporte pequeno e rápido a motor. Esse motor tem uma parte na traseira, na qual fica a hélice que é comprida como se fosse um rabo, por isso denominam de rabudo, rabudinho.

⁵⁶ Um furo que fica localizado do lado direito da cidade, mais ou menos vinte minutos de distancia de rabudo

acordo com o envolvimento e com suas respostas eles iam amadurecendo a cada etapa, acrescentando muitos adendos em relação às suas vivências com a família, suas experiências quando eram mais novos, foram expostas sem constrangimento, em especial de uma aluna da tarde, que no final os alunos carinhosamente a chamaram de *a Biá*, pelo fato da história de Biá se parecer muito com a história dela. Perguntamos sobre o problema da fome, se eles consideravam a existência do problema hoje, no Marajó, na nossa localidade. A partir dessa pergunta, foram surgindo outras na mesma linha:

AM1: *sobre a pobreza dos ribeirinhos*

AM2: *sobre a vida do ribeirinho*

AM3: *o Brasil*

AT1: *a professora falava que o Brasil era muito rico...*

AT2: *mas hoje ainda acontece muito, não só no interior... Na cidade também. P: mas a cidade é toda desenvolvida gente, é chique...*

AT2: *não, mas na cidade tem pessoas que passam fome professora...*

AT3: *tem gente aqui pra trás da cidade... Pra onde eu moro que tem mesmo... Lá em casa já chegou bastante gente pedido as coisas assim né, pra eles que necessitam, já foi bem criança já... Papai tem agora um comércio lá né, e toda vez vai gente lá, criança pedir...*

AT4: *lá em casa também já foram várias vezes, pedir comida, um pouco de açai, farinha, várias vezes já.*

P: O que vocês pensam sobre o modo de vida da família de Biá?

AT1: *era difícil pra eles professora*

AT2: *era horrível professora*

AT3: *eles ficavam esperando o pai trazer o aracu. E não tava muito no tempo...*

AT4: *a história de vida deles é um pouco parecida com a história da minha mãe, mas um pouco diferente... Meu pai não estudou, mas é muito inteligente, ele sabe muito matemática.*

Nesse momento, expliquei a aluna (AT4) que eles não puderam ir à escola, mas que eles aprenderam com seus pais, com a vida e a nature-

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

za, e alguns alunos começaram a falar sobre suas experiências na pesca, uma aluna relatou a maneira tradicional de como eles pescavam:

AT1: *eu sei pescar... É sério... É só jogar o anzol lá e esperar...*

AT2: *mas desse jeito todo mundo sabe... Pescar é com malhadeira⁵⁷, tarrafa...*

AT3: *tapar igarapé com timbó⁵⁸*

AT2: *eu já fui com a minha vó, ela fala que é gaiupá, sei lá parece que é assim...*

AT3: *gapuiá*

AT2: *é gapuiá, é isso mesmo, ela botava o pau assim e botava no meio do rio, do igarapé e aí de lá ela ia começava...*

AT3: *pegava puiçá⁵⁹ e ia...*

AT2: *é... É isso mesmo...*

Ao retomarmos a assunto da fome, que a família de Biá passava, foram surgindo mais informações, principalmente quando pergunto o que o Brasil tinha de riqueza de acordo com o livro e com eles:

AM1: *ouro, café...*

P: a professora falava sobre as riquezas nos livros, mas quando Biá chegava a sua casa o que acontecia?

AM1: *ele não tinha nada para comer*

AT1: *e ainda tem ainda gente que passa fome*

AT2: *até pior professora.. .uma vez a gente foi pra banda de Melgaço⁶⁰ né, porque a gente foi “voando” por vários interiores, aí quando a gente ia quase chegando, tem vários furos né? E a gente tinha entrado no furo errado, aí cada casa que a gente passava saía uma criança num casquinho remando pedindo alguma coisa sabe, eles iam remando, quem con-*

⁵⁷ Instrumentos de pesca que os pescadores artesanais costumam usar.

⁵⁸ Armadilha para peixe: tupi *t'imbo* 'designação comum a várias plantas das famílias das leguminosas e das sapindáceas, cuja seiva é tóxica para peixes e, por isto, us. para pescar.

⁵⁹ Peneira para apanhar peixe miúdo, camarões, siris etc.

⁶⁰ Cidade pertencente a Ilha do Marajó

seguisse remar mais rápido aí conseguia, ainda pegava né, aí eles (as pessoas que estavam no barco) começaram a juntar mina de moedas e tipo... jogaram pra eles dentro dos cascós... Eu acho que ainda tem muita gente que sofre, gente esquecida por lá, por aquele canto de lá...

P: será que aqui em Currallinho tem?

AT1: *ainda não.*

AT2: *em Breves⁶¹ tem.*

E continuam...

Eu tenho um vídeo que quando eu vi eu gravei, ia um monte de canoinha rondando, é muita canoinha...

AT3: *é como se fossem galinha com pintinhos...*

P: mas não são.

P: se o autor fossem vocês, como terminariam o texto de Dalcídio, quando Biá pergunta à mãe por que o Brasil é tão rico e a gente é tão...?

AM1: *porque a gente é tão pobre?*

AT1: *por que a gente não tem nada pra comer?*

Observa-se que como a narrativa é “transparente”, atinge o leitor em cheio. Ora amena, ora pungente, o autor consegue, muitas vezes, fazer de seu texto um instrumento de denúncia.

8. Algumas reflexões

Ao final desse trabalho percebemos que essa prática dentro de sala de aula pode servir como instrumentos de estratégias metodológicas para melhorar o ensino da literatura, a partir de obras bem escritas, simples adequadas a cada faixa etária. Dentre as duas turmas trabalhadas, a turma da tarde aparentemente foi mais consistente nas suas respostas, devido muitos de lá já terem tido a oportunidade, ou de ouvirem histórias parecidas, ou de terem morado em algum lugar semelhante, terem passado por situações iguais as colocadas no texto. Em relação à comunidade escolar, o que estamos precisando, a partir da realidade em que vivo, é de colocarmos mais textos literários em nossas salas de aula, fazer com que

⁶¹ Cidade pertencente a Ilha do Marajó.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

esses alunos tenham mais contato com a literatura, com a leitura, apresentando-lhes uma gama diversificada de obras, mas também, trabalhos que respeitem os alunos como leitores, valorizem suas vivências em acordo com seus contextos, inseridos na sua realidade, trabalhos assim, acredito, só tem a somar com processo de ensino aprendizagem, tanto com a literatura amazônica como qualquer outra literatura, em nossas escolas públicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES. Roland. *O prazer do texto*. Editora perspectiva, São Paulo, 1987.

BEZERRA. José Denis de Oliveira. *Literatura amazônica: para quê?* Inédito.

COUTINHO. Afrânio (Dir.); COUTINHO. Eduardo de Faria. *A literatura no Brasil: Introdução Geral*. 7. ed. São Paulo: Global 2004.

CULLER. Jonathan. Trad. Sandra Vasconcelos. *Teoria literária: uma introdução*. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda., 1999.

EAGLETON. Terry.. *Teoria da literatura: uma introdução*. Trad.: Wal-tensir Dutra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ECO. Humberto. *Lector in fábula: a cooperação interpretativa nos textos narrativos*. Trad.: Atílio Cancian. São Paulo: Perspectiva, 2012.

_____. *Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. Trad.: Giovanni Cutolo. São Paulo: Perspectiva, 2010.

FARES. Josebel Akel et al. *Texto e pretexto: experiência de educação contextualizada a partir da literatura fita por autores amazônicos*. Belém: Cultural CEJUP, 1992.

_____. O não lugar das vozes literárias da Amazônia na escola. *Revista Cocar*. Belém, vol. 7, n. 13, p. 82-90, jan.-jul.2013

_____. Dos campos de Cachoeira a Belém do Grão Pará: encontro de vozes e imagens em Dalcídio Jurandir. *Revista Leitura: Teoria e Prática*. ano 23, n. 44, p. 13-26, 03-2005. Reescrito para o concurso de professor titular da UEPA, 2013

FREIRE. Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 1989.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

GERALDI, João Wanderley; Milton José de Almeida (Orgs.). *O texto na sala de aula*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2011.

KLEIMAN, Ângela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 14. ed. Campinas: Pontes, 2011.

NUNES, Paulo. Não existe uma literatura paraense? Disponível em: <<http://joaojorgereis.blogspot.com.br/2011/08/nao-existe-uma-literatura-paraense.html>>. Acesso em: 24-05-2014.

NUNES, Paulo. Literatura paraense existe? Disponível em: <<http://escritoresap.blogspot.com.br/2008/01/artigo-do-professor-paulo-nunes.html>>. Acesso em: 24-05-2014.

SANTOS JUNIOR, Luiz Guilherme de. *Tra[d]jição e diferença em Marajó, de Dalcídio Jurandir*. Dissertação (de Mestrado). Belém: UFPA, 2006.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 2004. Disponível em: <<http://pt.shvoong.com/books/biography/1659743-dalc%C3%ADdio-jurandir-vida-obra/#ixzz2xqa6y3xy>>. Acesso em: 20-05-2014